Brasil: consumo interno de café

Status	*Empresas*	*(%)*	*Volume/mês*	*(%)*	*Volume/ano*	*(%)*
Empresas cadastradas	1.593	99	818.865	83	9.826.380	83
Consumo não cadastrado			133.114	13	1.597.368	13
Total café torrado/moído	1.593	99	951.979	96	11.423.748	96
Café solúvel	11	1		4	480.000	4
Total geral	1.604	100	991.979	100	11.903.748	100

Base do número de empresas através das coletas efetuadas no Paic – Selo de Pureza 1993/98.

Industrialização e consumo

O consumo interno total equivalente em sacas de café cru atinge 11,9 milhões de sacas/ano, 480 mil (4%) de café solúvel e 11,4 milhões de sacas relativas ao café torrado e/ou moído. O volume referente ao torrado e/ou moído representa um consumo *per capita* médio nacional de 3,45kg/ano, cálculo feito com base em café industrializado. No caso do café verde, o índice sobe para 4,31kg/ano.

Uma característica importante relativa ao consumo do café no Brasil diz respeito a sua sazonalidade, que na média nacional apresenta um volume superior no inverno e menor no verão. Principalmente no país essa variável afeta diretamente a industrialização, e as oscilações e desvios em relação ao consumo são diferentes para cada região geográfica ou estado.

Razão direta

As características próprias de cada região unidas aos níveis de renda e população se refletem diretamente no consumo local. A industrialização do café torrado e moído está na razão direta das empresas instaladas nos estados e de seus volumes de produção e comercialização. A combinação dos dois fatores propicia excesso ou falta da produção necessária para suprir o consumo.

E-mail: roger@fgv.br

FEIJÃO

Reversão possível

As previsões dão conta de que 1999 será um ano difícil, mas a produção da terceira safra pode reverter as expectativas

ADRIANO VENDETH DE CARVALHO

Em maio do ano passado os preços do feijão ao produtor chegaram aos maiores níveis desde o início da década. A saca de 60kg do feijão em cores teve seus preços fixados em R$77,00 no Paraná, R$117,00 em São Paulo, R$111,00 em Goiás e R$91,00 no Nordeste. O ano de 1998 significou o auge dos preços do feijão para o produtor, embora nem todos tivessem aproveitado os bons preços, pois o prejuízo na atividade em 1997 fez com que muitos deixassem de plantar no ano seguinte. Só em Goiás, a queda do número de produtores em 1998 foi de cerca de 15%, com uma área plantada 20% menor.

Já o mês de maio de 1999 fechou por enquanto com os menores preços desde 1990. Os preços médios da saca 60kg do feijão em cores ficaram em R$25,57 no Paraná, R$39,00 em São Paulo e R$ 31,50 em Goiás, o que significou para o estado um decréscimo de15,5% em relação ao mesmo período de 1997.

Ano difícil

Com o nível de suprimento interno compatível com o consumo anual praticamente estável de 2,95 milhões de toneladas, não é difícil prever que 1999 será mais um ano difícil para o produtor, com preços já chegando ao mínimo da garantia do governo em praticamente todas as regiões.

Devido ao breve término da oferta de parte da segunda safra nacional, proveniente principalmente de regiões de Rondônia, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina, o mercado permanecerá concentrado na influente segunda safra tardia do Nordeste (de junho a agosto) e no plantio da terceira safra nacional de inverno, que é colhida e ofertada até o fim de outubro.

A princípio, há um mercado interno praticamente sem entressafra. Em condições climáticas estáveis e normais, pode haver oferta de feijão durante todo o ano de 1999.

Para o Nordeste, estima-se uma produção anual em torno de 823 mil toneladas, 98% acima do resultado do ano passado, mas um valor ainda abaixo da média de produção da região (mais de 1 milhão de toneladas). No momento não há qualquer fator climático que permita modificar a informação.

Redução mínima

Os baixos preços recebidos pelos produtores entre abril e junho deste ano deverão projetar uma redução mínima em torno de 16,8% na área plantada de terceira safra. Embora responsável por pouco mais de 8% da safra nacional, a terceira safra definirá juntamente com a produção do Nordeste os preços até o fim do ano. Para ela, estima-se inicialmente então um volume produzido cerca de 18% inferior ao do ano passado, ou seja, 288 mil toneladas (sempre considerando produtividades normais, sem problemas climáticos). Chega-se, assim, a uma produção nacional total de 2,8 milhões de toneladas em 1999 (ver tabela).

Com a área plantada no Nordeste e os demais levantamentos de produção de primeira e segunda safras regionais praticamente definidas (consideradas as quebras de safra no Sul e Centro-Oeste do país), pode-se es-

Brasil: estimativa de produção de feijão

Em toneladas

Região	*Produção em 1998*	*Produção em 1999**
Norte	113.984	115.352
Nordeste	414.866	822.489
Centro-Oeste	260.534	294.509
Sudeste	602.947	659.961
Sul	778.923	907.556
Brasil	2.171.254	2.799.867

*Estimativa.

Brasi: estimativa da produçao nacional de feijão de terceira

safra baseada em queda da área a ser plantada – Hectares e toneladas

Estado	*Àrea em 1999**	*Redução da área plantada em relação a 1998 (%)*	*Produção em 1999**
Minas Gerais	43.638	-10,0	93.952
Goiás	32.285	-25,0	75.320
São Paulo	44.804	-15,0	35.126
Paraná	17.500	-23,0	10.500
Outros	5.660	0,0	12.553
Brasil	143.887	-16,8	227.451

*Estimativa.

timar a produção total de feijão no país com prévias estimativas de queda na área plantada de terceira safra nos principais estados produtores desta época.

Assim, com importações previstas de 100 a 120 mil toneladas até o fim do ano, a produção total de 2,8 milhões de toneladas estaria próxima de um provável consumo de 2,95 milhões de toneladas para 1999.

Importações limitadas

A importação de feijão, principalmente da Argentina, não deve afetar os preços internos. Aliás, permanecendo o mercado interno como está, as importações provavelmente estarão com preços bem acima dos preços internos. Em 1997, o preço FOB médio das importações de feijão no Brasil ficou em torno de US$34,63, e em 1998 em US$46,07/saca 60kg.

Considerando que neste ano as importações fiquem bastante limitadas pelo elevado custo de internalização do produto, pode-se prever que o consumo de feijão ainda deverá ficar acima da disponibilidade nacional. Considerando ainda as projeções descritas anteriormente e uma mínima queda de 16,8% na área a ser plantada na terceira safra, pode-se chegar a um valor de déficit de produção ligeiramente superior a 30 mil toneladas.

Deste modo, apesar de não termos indícios de reação nos preços internos a curto prazo (principalmente em virtude da entrada da safra do Nordeste), uma queda na área a ser plantada para a próxima safra pode provocar a médio prazo reduções e intervalos maiores nas vendas do produto por parte do produtor, com uma pequena entressafra pelo menos a partir do início de agosto até o final de setembro deste ano. Além disso, com o término do volume de segunda safra ofertado pelo Sul do país e por regiões como Rondônia, Bahia e Mato Grosso do Sul, grandes centros consumidores como São Paulo devem dentro de poucos dias buscar feijão proveniente principalmente de Goiás e Minas Gerais, regiões que têm, em função das altas produtividades e da melhor qualidade do grão, custos de produção e de venda bem mais elevados.

As projeções descritas levaram em consideração produtividades normais em todos os estados para a terceira safra. Porém, não se podem descartar possíveis quedas de produtividade em todas as regiões desta safra no país em virtude das expectativas de irregularidades climáticas e da diminuição da tecnologia em campo no uso de adubos e defensivos. Só em Goiás, com base nos altos preços de insumos no mês de abril, espera-se um custo de produção por hectare em torno de R$1.200,00 (R$31,50/60kg) para o feijão irrigado. Para o produtor que

Com importações previstas de 100 a 120 mil toneladas até o fim do ano, a produção total de 2,8 milhões de toneladas estaria próxima de um provável consumo de 2,95 milhões de toneladas para 1999.

ainda deseja arriscar na cultura, a única saída é diminuir as dosagens de adubação e defensivos, mesmo com os altos índices de pragas e doenças nas áreas de pivô central.

Melhoria significativa

Assim, infere-se inicialmente que o mercado interno em 1999 pode melhorar significativamente através do controle da área a ser plantada e da oferta de feijão por parte do produtor rural. Do outro lado, o governo pode recuperar o mercado e regular a oferta do produto através de mecanismos como as aquisições diretas. O governo deve entender ainda que não se pode manter para o feijão um preço mínimo de garantia único e desvalorizado para um país que tem níveis de tecnologia tão diferenciados entre os estados. Regiões como Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais apresentam custos relativamente maiores e compatíveis com uma maior produtividade e melhor qualidade do grão produzido.

Mas a defasagem no mercado do feijão é muito provavelmente causada não tanto pelo incremento da oferta interna, mas pela desorganização e informalidade da comercialização em nível de produção, agravado pelo excesso de intermediação e pela falta de estratégias do governo e da classe produtora. Estudos planejados para tirar o consumo nacional do nível arcaico em que se encontra também são de extrema importância para o setor, que não tem como saída a exportação de seu produto e que tem mais de 50% do valor de seu custo de produção atrelado à variação cambial.

Adriano Vendeth de Carvalho é assessor técnico e engenheiro agrônomo da Federação da Agricultura do Estado de Goiás/Faeg/Detec.
E-mail: adriano@faeg.com.br/Internet: www.faeg.com.br